ANÁLISE COMPARATIVA DA NOÇÃO DE SUJEITO NAS GRAMÁTICAS DE ANTENOR NASCENTES E DE GLADSTONE CHAVES DE MELO À LUZ DA NGB

Karoline Silva Angelici (UERJ)[1]

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar comparativamente o tratamento da categoria Sujeito em *O idioma nacional*, de Antenor Nascentes (1965), e na *Gramática fundamental da língua portuguesa*, de Gladstone Chaves de Melo (1970). As gramáticas selecionadas para esta análise conservam entre si, além da contemporaneidade das edições analisadas, o que será mais bem explicado e contextualizado na introdução, o fato de terem sido ambas publicadas pós-NGB. Conforme a proposta de periodização dos estudos linguísticos de Cavaliere (2001), as gramáticas supracitadas são representativas de períodos linguísticos distintos, a saber, o científico (1881-1941) e o linguístico (1941 até os dias atuais), o que constitui antes um incremento ao estudo que se pretende desenvolver do que um empecilho. Dessa forma, objetivamos contrastar a concepção dos gramáticos, à luz da Nomenclatura Gramatical Brasileira, acerca da noção de sujeito, que ainda confunde, em muitos casos, critérios sintáticos, semânticos e discursivos, não constituindo, portanto, um ponto pacífico na descrição gramatical.

Palavras-chave: Gramaticografia do PB. NGB. Sintaxe. Sujeito.

Abstract: This article aims to comparatively analyze the treatment of the Subject category in Antenor Nascentes' *O idioma nacional* (1965), and in Gladstone Chaves de Melo's *Gramática fundamental da idioma portuguesa* (1970). The grammars defined for this analysis preserve, in addition to the contemporaneity of the proven editions, which will be better explained and contextualized in the introduction, the fact that both are post-NGB publications. According to Cavaliere's proposal for the periodization of linguistic studies (2001), the aforementioned grammars are representative of different linguistic periods, namely, the scientific (1881-1941) and the linguistic (1941 to the present day) one, which constitutes more an increase to the study that is intended to be developed rather than an obstacle. In this way, we aim to contrast the conception of grammarians, in light of the Brazilian Grammatical Nomenclature, regarding the notion of subject, which still confuses, in many cases, syntactic, semantic and discursive criteria, not constituting, therefore, a peaceful point in grammatical description.

Keywords: BP grammar. NGB. Syntax. Subject.

1. Introdução

A Historiografia da Linguística mostra que mudanças no que se refere ao tratamento dos fatos gramaticais nem sempre são resultado do contínuo avanço dos estudos linguísticos – que naturalmente geram novas formas de análise gramatical. Ao contrário, muitas vezes,

[1] Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Doutoranda em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Brasil. Email: kahangelici@gmail.com

ocorrem em função de reviravoltas no mundo extralinguístico que modificam, de alguma forma, aquilo que Koerner (2014) denomina clima de opinião – *climate of opinion*.

Tal expressão diz respeito à dimensão social da historiografia (Batista, 2013), que releva as constantes necessidades de adequação didática e metodológica à ideologia dominante à época, de tal forma que, havendo alterações no plano político, econômico ou social que se reflitam de alguma forma na atmosfera intelectual de um determinado período, haverá inevitavelmente uma agitação das ideias gramaticais.

Nessa perspectiva, destaca-se a implementação de uma Nomenclatura Gramatical Brasileira, cuja existência comprova a explanação feita no parágrafo acima. A portaria de nº 152, de 24 de abril de 1957, que apresenta as considerações e resoluções que amparam a NGB explicita as razões que levaram à alegada necessidade de unificação de terminologia adotada no ensino da língua.

A falta de padronização dessa terminologia, referida como um problema no anteprojeto da portaria, promoveu, segundo o texto publicado em Diário Oficial (1957, p. 10 a 838), a "desorientação do ensino ministrado em nossas escolas de grau médio". A percepção da ausência de uma nomenclatura padronizada gerou debates entre filólogos, pedagogos, professores e estudiosos da língua, formando um clima de opinião favorável ao surgimento de um documento que promovesse a unificação da terminologia gramatical.

É sabido que a NGB é um marco historiográfico de tal relevância que cabe analisar aqui o modo como gramáticas representativas dos períodos linguísticos aos quais pertencem lidaram com as novas diretrizes impostas pela Nomenclatura ao ensino da língua. Cabe destacar que, nesse caso, não se trata apenas de prover uma unidade de termos, mas também de estabelecer uma proposta de divisão das gramáticas em normativas ou históricas, além de propor uma orientação didática no que respeita ao percurso dos estudos gramaticais, começando pela fonética, passando pela morfologia e, por fim, encerrando os estudos com a sintaxe.

As sugestões da NGB vão, portanto, além da padronização da terminologia gramatical, influindo, inclusive, na própria organização da ordem de tratamento dos fatos gramaticais e na sua estruturação. Dessa forma, interessa-nos avaliar em que medida as gramáticas de Antenor Nascentes e de Gladstone Chaves de Melo se curvaram a essas recomendações.

Para isso, faremos uma breve análise da forma como ambos os gramáticos encadearam o estudo da língua, observando a divisão dos estudos gramaticais em partes feita por eles, bem como examinaremos o tratamento específico da categoria Sujeito.

Sobre as gramáticas, cabem alguns esclarecimentos. Selecionamos a 5ª edição da gramática de Nascentes, publicada em 1965, por, obviamente, esta edição já estar em consonância com a NGB. Para a análise da obra de Melo, optamos pela 2ª edição, publicada em 1970, pós-NGB. Esse exemplar parece-nos adequado, visto que a gramática de Melo conta apenas com três edições, sendo a terceira reimpressão sem alterações significativas.

No que concerne ao enquadramento das gramáticas na proposta de periodização dos estudos linguísticos de Cavaliere (2001), Nascentes faz parte do que o autor denomina período científico. Já Melo é um gramático do período linguístico, marcado pela NGB e pela disseminação da Linguística Moderna no Brasil.

2. Proposta de periodização dos estudos linguísticos

A proposta de periodização dos estudos linguísticos apresentada por Cavaliere (2001) é possível, segundo o autor,

> com fulcro em dois fatores: as fontes teóricas, que dão feição a novas ordens no desenvolvimento e difusão dos estudos linguísticos, e as obras representativas desses momentos de ruptura. As fontes teóricas conferem unicidade e identidade ao período, ao passo que as publicações atuam como marcos históricos de sua vigência. Quanto à denominação dos períodos, tenho que se possam usar termos que façam referência genérica ao momento em foco, como uma espécie de palavra-síntese de seu perfil, o que, sem dúvida, também vai muito ao gosto pessoal (2001: 56).

Tendo como parâmetro os critérios explicitados, o autor (2001) divide os períodos de estudos linguísticos em quatro, a saber: a) Embrionário (das origens até, 1802); b) Racionalista (1802-1881); c) Científico (1881-1941), c1) fase fundadora (até, 1910), c2) fase legatária (1910 a, 1941); d) Linguístico (1941 aos nossos dias).

A obra de Nascentes, de acordo com o corte temporal de Cavaliere (2001), integra a fase legatária do período científico, cujas fontes doutrinárias amparam-se, por exemplo, na "geração de ouro lusitana". É neste momento que a análise cirúrgica, etimológica – que, acreditava-se, na fase fundadora, ser a mais genuína forma de se fazer uma análise científica da língua – concorre e disputa espaço e prestígio com uma escola de linguistas empenhados na pesquisa filológica.

No século XX, tem-se a intensificação dos estudos linguísticos com a repercussão dos trabalhos de Saussure, a inclusão do *Curso de Linguística Geral* no currículo do curso de Letras da UDF, o advento do método histórico-comparativo de análise linguística, as teses de Chomsky e, posteriormente, o contributo da sociolinguística e do funcionalismo. É também neste século que, no Brasil, entra em vigor, em 1959, a NGB. Como produto do seu tempo, a obra de Melo, representativa do período linguístico, insere-se nesse contexto e marca a posição do autor diante dele.

3. Características gerais de *O idioma nacional,* de Antenor Nascentes

Já na introdução, Nascentes explicita os esforços empenhados na descrição do português brasileiro, o que é anunciado no próprio título da obra, *O idioma nacional*, que é, de fato, aquilo de que o autor se ocupa. Nesse sentido, Nascentes diferencia o português brasileiro do europeu e afirma que até mesmo uma criança poderia perceber tamanha diferença.

Estando ciente o leitor de que essa é uma obra que visa ao ensino da língua materna brasileira, o gramático expõe, ainda, o viés de análise adotado, ao definir a gramática como "a disciplina que, examinando os fatos da linguagem segundo o uso da classe culta, deles extrai normas" (Nascentes, 1965, p. 10). O modelo de gramática adotado pelo autor é descritivo; para ele, a língua não está subordinada às regras, mas as regras subordinadas à língua, de modo que cabe ao gramático a dedução das normas gramaticais baseando-se na observação de fenômenos linguísticos.

Seguindo as recomendações da NGB, *O idioma nacional* é divido em três partes: fonética, morfologia e sintaxe. Conforme o texto da Nomenclatura, a fonética pode ser histórica, descritiva e sintática. Nascentes, apesar de demonstrar que a orientação geral de sua gramática é descritiva, não se restringe à descrição sincrônica, abarcando também a descrição da língua em diacronia e abraçando o estudo do idioma nacional numa perspectiva histórica; para isso, o autor acrescenta às três partes da gramática recomendadas pela NGB uma quarta seção intitulada "Língua Portuguesa – sua origem, história e domínio". Nesta seção, constam não apenas a fonética histórica, mas também a morfologia, a sintaxe e o léxico do português.

Como se pode observar, embora Nascentes tenha sido um dos autores da NGB e em suas recomendações possa ter baseado as divisões da gramática em partes, a singularidade do material produzido por ele encontra-se na expressão de sua veia filológica, que faz

transparecer a influência de Leite de Vasconcelos, Adolfo Coelho e Gonçalves Viana, filólogos lusitanos citados frequentemente em *O idioma nacional*.

O grande diferencial da obra de Nascentes, contudo, não é apenas o seu caráter filológico, que, dadas as circunstâncias de publicação – fase legatária do período científico – não apresentaria nada além do que se espera de um gramático alinhado às doutrinas de sua época. Diante da geração de filólogos que se firma neste momento, a gramática de Nascentes ultrapassa essa expectativa pela forma como aplica as novas doutrinas ao estudo do PB, entregando ao leitor não apenas um trabalho filológico preso aos estudos diacrônicos, mas que se compromete também com o exame da língua numa perspectiva sincrônica e dialetológica, mapeando e registrando os diferentes falares do português brasileiro.

3.1 A categoria Sujeito em *O idioma nacional*

Muito alinhada à NGB, a sintaxe em Nascentes apresenta conceitos básicos e se resume ao estudo da frase, uma vez que, para o autor, "toda a língua está na frase" (Nascentes, 1965, p. 132). Há ainda menção às relações lógicas estabelecidas entre as palavras no interior da oração, entretanto, mais uma vez se alinhando à Nomenclatura, o autor faz uma ressalva ressaltando que para a NGB a análise é sintática e não lógica.

Dividem-se, então, os termos da oração em consonância com a NGB em três: essenciais, integrantes e acessórios. O sujeito, termo essencial, é tipificado em simples, composto e oração sem sujeito, não havendo menção ao sujeito indeterminado, mesmo constando esse tipo de sujeito na NGB.

Em relação à definição de sujeito, poder-se-ia dizer que, para o filólogo, essa categoria representa "o ser sobre o qual se declara alguma coisa", tendo em vista a própria definição de oração como parte do texto em que se afirma "alguma coisa em relação a um ser" (Nascentes, 1965, p. 132). Tal afirmação se confirma na seguinte passagem da gramática, na qual são tecidos comentários acerca da oração "Paulo chegou": "o ser de quem se afirmou a chegada é Paulo, logo Paulo é o sujeito da oração. O que se afirmou de Paulo foi a sua chegada; logo chegou é o predicado" (Nascentes, 1965, p. 132).

Das definições e explicações apresentadas depreendem-se resquícios do pensamento filosófico da linguagem reproduzido pela tradição gramatical, fato que se pode comprovar na própria classificação de sujeito como um "ser" passível de receber uma declaração a ser feita no predicado. Nessa perspectiva, a proposição revela um juízo de valor sobre um ser, tal como

é concebida pela concepção aristotélica da linguagem. Embora o pensamento filosófico da linguagem transpareça na própria definição de oração, de sujeito e de predicado, as nomenclaturas adotadas, bem como a abordagem dos termos da oração permanecem alinhadas à NGB.

Os critérios de análise adotados na gramática são estritamente semânticos e os exemplos coletados são prototípicos e se encaixam nas definições apresentadas. Não há, por exemplo, menção ao sujeito elíptico ou desinencial, embora o autor afirme que o sujeito da forma verbal "ouviremos" é "nós" no seguinte exemplo: "ouviremos cantar os passarinhos" (Nascentes, 1965, p. 146). Esse sujeito, todavia, não é classificado.

O sujeito oracional também não é abordado em *O idioma nacional* de forma aprofundada, mas é mencionado na parte da gramática destinada ao estudo das orações substantivas que, conforme o autor, "ora fazem as vezes de elementos essenciais (sujeito, objetos, predicativo), e de elementos integrantes (complemento adnominal), ora fazem as vezes de elementos acessórios (adjunto adnominal e aposto) (Nascentes, 1965, p. 136). Em seguida, é oferecido ao leitor o seguinte exemplo: "consta que ela chegou" (Nascentes, 1965, p. 136), no qual "que ela chegou" é uma oração subjetiva".

Já o sujeito indeterminado, embora listado na NGB, não integra os tipos de sujeito elencados por Nascentes. Apesar disso, é citado no tratamento das vozes verbais. Nascentes não faz distinção entre as estruturas de verbo transitivo direto (VTD) mais "se" e aquelas em que o verbo é transitivo indireto (VTI) ou verbo de ligação (VL) seguidas de "se". Em todos os casos, para o autor, trata-se de um sujeito indeterminado – o que, por um lado, elimina a problemática discussão acerca dessas estruturas, que gira em torno da artificial diferenciação entre estruturas de passiva sintética e sentenças cujo sujeito é indeterminado, mas que, por outro lado, parece não esclarecer a diferença entre sujeito, noção gramatical, e agente, noção semântica, ou, ainda, parece tomar esses conceitos como biunívocos, quando na verdade, não o são e apenas se condensam no mesmo vocábulo em sentenças prototípicas.

4. Características gerais da *Gramática fundamental da língua portuguesa,* de Gladstone Chaves de Melo

Já no prefácio, Melo esclarece e antecipa ao leitor o caráter descritivo de sua obra. Para ele, a Gramática deve ser definida "como serva da língua e não senhora dela" (Melo, 1970, p. 4). O autor ratifica também o propósito da sua obra, que, como o título sugere,

pretende “fornecer a ideia fundamental da estrutura da língua portuguesa e fazer apenas uma gramática, isto é, a sistematização dos fatos da língua-padrão” (Melo, 1970, p. 4).

Não raro o autor menciona a língua como estrutura e o papel da gramática como sistematizadora dessa estrutura, o que revela as bases doutrinárias do estruturalismo, que, como integrante do período linguístico, certamente fizeram parte de sua formação. Apesar de incorporadas as novas tendências, provenientes dos estudos linguísticos que emergem e se consolidam no século XX, Melo não abandona o trabalho filológico, herança da geração de filólogos que atuaram paralelamente ao trabalho realizado pela linguística moderna.

No que respeita à NGB, Melo adota a Nomenclatura, porém com algumas ressalvas. O próprio autor afirma não ser subserviente a ela e tece alguns comentários críticos em relação às suas recomendações em alguns momentos.

Assim como Nascentes, Melo reconhece que o trabalho do filólogo não precisa se limitar ao estudo da língua em diacronia. Para ele, a autenticidade da gramática está na sincronia. Em alguns de seus comentários, o autor demonstra forte interesse na descrição da língua em uso, priorizando aspectos pragmáticos e distinguindo as modalidades oral e escrita para fins de análise, mais uma influência das correntes modernas.

Surpreende o leitor, por outro lado, a transparente intenção de Melo de produzir um material normativo, que se ocupe da norma-padrão em contexto literário, fato que parece inconciliável com o modelo descritivo apresentado incialmente como foco. Apesar disso, descrição e prescrição são harmonizadas na medida em que Melo oferece-nos uma descrição dialetológica da língua combinada com a didática prescrição das normas fundamentais da gramática padrão, tendo em vista a comunidade escolar a que se destina a sua obra.

4.1 A categoria Sujeito na *Gramática fundamental da língua portuguesa*

Em conformidade com a NGB, Melo divide os estudos gramaticais em três partes: fonética, morfologia e sintaxe. A sintaxe é definida como “o estudo ou a teoria da frase” (Melo, 1970, p. 15). Diferentemente de Nascentes, Melo desconsidera a análise sintática como o estudo das relações lógicas. A visão de sintaxe explicitada ao longo de sua gramática é argumental, centralizada no verbo como selecionador de argumentos internos e externos.

Ainda em consonância com a NGB, o autor inicia a parte da gramática destinada ao estudo da sintaxe com o capítulo intitulado “Da oração”, que é dividida, como na Nomenclatura, em dois termos, sujeito e predicado. Melo pontua, contudo, que essencial à

existência da oração é o verbo em forma finita, não o sujeito, fato que o distancia da classificação do sujeito como termo essencial conforme prevê a NGB.

Embora tenha declarado não ser favorável à análise lógica da linguagem, Melo conceitua sujeito como "o ser de quem se diz alguma coisa e predicado é aquilo que se diz do sujeito" (Melo, 1970, p. 190). Tais definições baseiam-se em critérios exclusivamente semânticos, que remetem à análise lógica.

Descolando-se da NGB, Melo não subdivide a categoria Sujeito em tipos. O autor prioriza a diferenciação entre sujeito expresso e não expresso, noções que ele aborda com a nomenclatura sujeito claro ou oculto, sendo este último equivalente ao sujeito elíptico ou desinencial. "Oculta-se o sujeito quando a forma verbal torna desnecessária a sua explicitação ou quando êle já figurou numa oração anterior" (Melo, 1970, p. 191).

Assim como Nascentes, Melo não diferencia as estruturas de VTD mais "se" daquelas em que o verbo é VTI ou VL. Para ele também, as estruturas de VTD mais "se" não representam voz passiva, mas são forma de indeterminação do sujeito que admitem como paráfrase estruturas de verbo "ser" mais particípio. O autor vai além e trata da noção de passividade, mostrando que orações de verbo reflexivo são exemplares da ideia de passividade, que não se deve confundir com voz passiva.

Novamente, o autor demonstra sensibilidade às questões sintáticas que subjazem ao estudo das vozes verbais ao afirmar que, embora alguns estudiosos, em conformidade com a NGB, tratem estruturas do tipo "brincando com canivete, Pedrinho feriu-se" como de voz reflexa, caracterizadas por terem "sujeito agente e paciente ao mesmo tempo, [que] pratica e sofre a ação indicada pelo verbo" (Melo, 1970, p. 139), para ele, o acréscimo da voz reflexiva à descrição das vozes verbais é dispensável, uma vez que, do ponto de vista da estrutura "a voz reflexa não se distingue da voz ativa, tanto é verdade que é inteiramente acidental a circunstância de, naquele caso, o paciente se identificar com a pessoa do agente" (Melo, 1970, p. 139).

No que se refere à oração sem sujeito, para o autor, trata-se de uma anomalia da língua derivada do fato de a informação se concentrar apenas no predicado, não sendo atribuída a um ser. Já o sujeito oracional é abordado junto da definição da categoria, não como um tipo. O autor afirma que "habitualmente e normalmente, o sujeito tem por núcleo um substantivo ou palavra substantivada [...] por isso mesmo, tudo o que equivale a um substantivo – pronome, expressão, oração gramatical – pode ser sujeito" (Melo, 1970, p. 191).

O sujeito indeterminado, para Melo, ocorre quando o sujeito não é nem claro nem oculto: “O que torna indeterminado o sujeito é a intenção ou a situação do falante, que não sabe ou não quer individuar, precisar, apontar, o agente, o autor da ação ou da façanha” (Melo, 1970, p. 193). Cabe destacar que tal definição parece misturar critérios sintáticos – claro e oculto – e semânticos – indeterminado. Apesar disso, tal explanação relaciona a indeterminação do sujeito a questões pragmáticas, mostrando, mais uma vez, o olhar de Melo para a língua em funcionamento e a compreensão da sintaxe a serviço do discurso.

5. Considerações finais

Buscamos, neste artigo, produzir uma análise comparativa das gramáticas de Antenor Nascentes e de Gladstone Chaves de Melo no que respeita ao alinhamento à NGB na abordagem da categoria sujeito. Sendo Nascentes integrante do período linguístico, ao passo que Melo integra a fase legatária do período científico, destacam-se alguns pontos de relevância no que se refere às influências teóricas acentuadas em cada uma das obras.

Nascentes oferece um material interessante não somente ao leitor iniciado, mas também ao estudante da educação básica. Ao mesmo tempo em que conjuga diacronia e sincronia, fazendo um apanhado da evolução da língua desde o latim vulgar e mapeando os diversos falares do PB em solo brasileiro, sintetiza informações relativas ao idioma nacional de forma objetiva e didática. Por essas características, tornou-se a gramática de Nascentes referência no ensino na língua, sendo também exemplar da fase legatária do período linguístico pela expressiva veia filológica demonstrada no trabalho empreendido nesta obra.

Compartilha de semelhante didatismo e preocupação em expor de forma objetiva os fatos da língua a gramática de Melo, ainda que carregada de traços que nos permitem reconhecê-lo como pertencente a uma geração de linguistas fortemente influenciados pelas novas tendências do século XX. Em meio à ebulição dos estudos linguísticos que emergem à época e atento ao trabalho consolidado da escola de filólogos que se formou ainda na fase legatária do período científico, Melo absorve as novas tendências sem, contudo, abandonar a prática filológica e entrega aos estudiosos da língua um material rico em descrição dialetológica, mas ao mesmo tempo preocupado em expor de forma normativa as regras da norma-padrão da língua.

Por tais observações, fica evidente a representatividade de ambas as gramáticas considerando-se o período linguístico do qual fazem parte, sobretudo porque foram gramáticas adotadas na educação básica e contribuíram, portanto, para o ensino da língua.

No que se refere à NGB, Nascentes, um de seus signatários, nas partes a que nos propusemos analisar, mostra-se muito preso às recomendações da Nomenclatura. Apesar disso, não se pode negar, o autor confere ao tratamento dos fatos seu próprio toque, com algumas pitadas de lógica na abordagem do sujeito.

Da mesma forma, Melo Não se mostra alheio à NGB, considera-a em muitos aspectos, mas, pelo que foi demonstrado, aborda a categoria Sujeito de forma independente, muito pouco ou nada alinhada ao que prevê a Nomenclatura, inovando em alguns aspectos como na ausência de repartição do sujeito em tipos, no tratamento do sujeito indeterminado, nos comentários acerca das vozes verbais e na divisão do sujeito em expresso e não expresso.

Referências

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **Introdução à historiografia da linguística**. São Paulo: Cortez, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Portaria n. 152, de 24 de abril de 1957.

BRASIL. Ministério da Educação. **Nomenclatura gramatical brasileira**. Rio de Janeiro, 1958.

CAVALIERE, Ricardo Stavola. Uma proposta de periodização dos estudos linguísticos no Brasil. **Alfa**, São Paulo, v., p. 49-69, 2001.

KOERNER, E.F.K. **Quatro décadas de historiografia linguística:** estudos selecionados. Braga: Publito, Estúdio de Artes Gráficas, 2014.

MELO, Gladstone Chaves de. **Gramática fundamental da língua portuguêsa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Academica, 1970.

NASCENTES, Antenor. **O idioma nacional**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1965.